



## Editorial

A América Latina vive, hoje, um novo cenário geopolítico sobre o qual se estruturam direções alternativas – em grande medida contra hegemônicas – para as práticas sociais e políticas que marcam as primeiras décadas do século XXI. Neste contexto a cultura, aliada às novas técnicas (sobre tudo da informação), atua como uma base fundamental sobre a qual se rearticulam e reelaboram as idiossincrasias históricas do continente, rearmando o quebra-cabeça territorial através de trânsitos e hibridações que alcançam níveis cada vez mais intensos e profundos. Imagens e discursos de variados âmbitos e ascendências se intercomunicam e transvasam limites vários: dos Estados Nacionais, das identidades, das práticas tradicionais de produção do conhecimento e de sociabilidade.

É neste sentido que o presente dossiê se propõe a refletir sobre o lugar das práticas artísticas e culturais, pensadas a partir da perspectiva da mediação cultural, nesta nova conformação social que incide, também, sobre as práticas e projetos universitários.

Os textos que compõe o presente dossiê poderiam ser divididos em dois grupos: o primeiro estaria composto pelos artigos que descrevem e analisam exemplos concretos de práticas de mediação cultural (como o programa de rádio “Latitudes Latinas” ou o projeto “Loco por Ti”), sempre a partir da concepção de uma pesquisa-ação, ou seja, do envolvimento direto dos pesquisadores com os sujeitos e as práticas pesquisadas. Neste âmbito também poderia estar o texto de Oscar Saavedra que, se por um lado não chega a descrever as práticas artísticas em vias de observação na cidade de Bogotá, por outra introduz toda uma discussão que coincide com os artigos anteriores, de Carlos Bonfim, André da Paz e Grazielle Saraiva. Já o texto de Nestor Ganduglia percorre uma via paralela, acompanha as reflexões dos outros autores, mas introduz um novo elemento de grande envergadura para a reflexão proposta pelo dossiê: “la ciencia y arte de la mediación cultural” estão presentes nos processos de resistências e negociações a partir da colonização, mas principalmente nas cosmovisões dos nossos povos originários ou indígenas.

Curiosamente, em todas as reflexões deste dossiê, tanto nos artigos anteriores como nos que compõem o seu segundo bloco, voltado a projetos universitários, há uma palavra constante e emblemática: *escuta*. E com ela, a necessidade de movimentar-se territorialmente e, através do deslocamento espacial, chegar a encontrar a possibilidade



de mediação cultural como “armonización de lo multicolor”, como afirma Ganduglia, através do necessário caminho da “descolonização da escuta”, segundo Carlos Bonfim.

Escutar para aprender; movimentar-se para escutar. Escutar para abrir-se ao outro em sentido amplo, dialógico, não hierarquizante – “salirse del lugar propio y situarse donde un otro” (Ganduglia). A escuta das práticas artísticas para alcançar a potência social da arte. Seja pelo rádio, website ou mídias sociais, antigas ou novas plataformas comunicativas e interativas, a mediação se mostra como processo efetivo para “encorajar o diálogo, a aproximação, as trocas afetivas”, como afirmam André da Paz e Grazielle Saraiva.

A leitura dos textos de Aníbal Orué Pozzo, Stefano Tedeschi, Diana Araujo Pereira, assim como a entrevista a Daniel Ríos, nos levam a pensar na urgência de introduzir tais reflexões na esfera acadêmica, dando forma a projetos universitários como a Universidad de Avellaneda na Argentina, a UNILA no Brasil e a Escuela de Posgrado na UNE, em Ciudad del Este; ou ainda a criação de um novo curso de “Mediações Linguísticas e Interculturais” em uma universidade secular como a Sapienza, de Roma.

Há uma demanda sócio-histórica cujas raízes são diferentes na América Latina e na Europa, mas que apontam na mesma direção: a de finalmente reconhecer a inoperância dos “universalismos” que por tanto tempo condicionaram o fazer acadêmico, afastando-o, sobretudo na América Latina, das realidades do continente, do reconhecimento de sua diversidade, de suas riquezas e problemáticas. Geopoética, geocultura, geopolítica... o território assume voz e pede a escuta de suas necessidades específicas; o espaço assume o protagonismo e “situa” o olhar sobre as práticas artísticas e culturais, atuando mais como sujeito do que como objeto. Por outro lado, tais práticas atuam simbólica e politicamente, mediando temporalidades e subjetividades; instaurando, portanto, novos processos de mediação cultural que incorporam, definitivamente, o protagonismo do seu contexto, ajudando a estabelecer pontes entre memórias e territórios.

A experiência elencada neste dossiê nos permite afirmar (como já o fazia José Martí no final do século XIX) que é a partir dos contextos específicos, determinados por suas paisagens socioculturais, que poderemos encontrar a resposta para a pergunta sobre a mediação cultural e sua pertinência para as sociedades do século XXI.

Editora: Diana Araujo Pereira